

---

**A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN E A EMPATIA COMO  
MODO ADEQUADO DE RELAÇÃO EXISTENCIAL**

**THE STRUCTURE OF THE HUMAN PERSON IN EDITH STEIN AND EMPATHY AS  
AN APPROPRIATE MODE OF EXISTENTIAL RELATIONSHIP**

Kleidson Ribeiro Ayolphi<sup>1</sup>

Prof. Ms. Suderlan Tozo Binda<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho aborda a estrutura da pessoa humana, a partir do pensamento filosófico de Edith Stein (1891-1942) e a empatia como modo adequado de relação existencial. A pesquisa objetivou analisar a antropologia de Stein, a qual descreve a experiência humana em sua totalidade, integrando corpo, alma e espírito como uma unidade indivisível, e como a empatia se revela fundamental para a intersubjetividade. A metodologia empregada é de uma abordagem exploratória e bibliográfica, analisando obras publicadas da própria autora, como “Sobre o problema da Empatia” e “A Estrutura da Pessoa Humana”, além de artigos científicos e teses, com o intuito de compreender a questão fundamental: “O que é o homem?”. Os resultados apresentam o homem como um composto de três dimensões interligadas: o corpo (físico e vivo), a alma (psique e centro interior) e o espírito (dimensão mais elevada, da autoconsciência e liberdade). Essa estrutura integral fundamenta a empatia (*Einfühlung*), entendida como o ato pelo qual o “eu” apreende a vivência do outro, revelando a dimensão relacional e espiritual da pessoa. Em conclusão, a pessoa humana é um ser encarnado, consciente e espiritual, que se realiza plenamente na relação empática e na abertura ao Transcendente, o que contesta uma antropologia reducionista, sendo a empatia a via de acesso à alteridade e um fundamento para a construção da comunidade.

**Palavras-chave:** Edith Stein; Fenomenologia; Pessoa humana; Integralidade; Empatia.

**ABSTRACT:** This work addresses the structure of the human person, based on the philosophical thought of Edith Stein (1891-1942) and empathy as an appropriate mode of existential relationship. The research aimed to analyze Stein's anthropology, which describes the human experience in its totality, integrating body, soul, and spirit as an indivisible unity, and how empathy is fundamental to intersubjectivity. The methodology employed is an exploratory and bibliographical approach, analyzing published works by the author herself, such as "On the Problem of Empathy" and "The Structure of the Human Person," as well as scientific articles and theses, in order to understand the fundamental question: "What is man?". The results present man as a composite of three interconnected dimensions: the body (physical and living), the soul (psyche and inner center), and the spirit (the highest dimension, of self-awareness and freedom). This integral structure underpins empathy (*Einfühlung*), understood as the act by which the "I" apprehends the experience of the other, revealing the relational and spiritual dimension of the person. In conclusion, the human person is an embodied, conscious,

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: krayolphi@hotmail.com.

<sup>2</sup> Centro Universitário Salesiano - UniSales. Vitória/ES, Brasil. E-mail: sbinda@salesiano.br.

and spiritual being who fully realizes themselves in empathic relationships and openness to the Transcendent, which challenges a reductionist anthropology, with empathy being the path to otherness and a foundation for building community.

**Keywords:** Edith Stein; Phenomenology; Human person; Wholeness; Empathy.

## 1 INTRODUÇÃO

As dúvidas existenciais marcam o percurso de toda a história e mais têm atraído atenção nas reflexões filosóficas e teológicas, sobretudo a respeito do ser humano, a mais complexa das criaturas a ser compreendida, pois carrega em si múltiplas dimensões que se entrelaçam e desafiam qualquer explicação simples ou unívoca. Diferentemente dos demais seres vivos, que estão submetidos às leis e fenômenos da natureza, o ser humano não se limita ao instinto ou ao impulso imediato, mas orienta suas ações por meio da razão, sendo capaz de pensar, refletir e deliberar. Sua constituição não se restringe apenas ao corpo biológico, mas é enriquecida por inúmeras características, como a cultura, a linguagem, o desejo e a consciência, que vão definindo sua essência, e o tornando quem ele é.

As questões que giram em torno do ser humano e as tentativas de se chegar à compreensão de sua essência, sempre ocuparam um lugar central em toda a história da filosofia. Intensificaram-se as buscas por explicações que justificassem sua existência, em diferentes abordagens, incluindo a clássica defendida pelo filósofo René Descartes (1596-1650), ao expressar o termo “*cogito ergo sum*” a ideia de que o homem existe a partir do ato de pensar, ou em uma linha de raciocínio distinta, a corrente existencialista que apresenta o homem como o único ser que realmente existe, justamente por ter consciência do seu ser.

Estudar o ser humano é, portanto, voltar-se para uma das expressões mais complexas e enigmáticas do mundo. No entanto, o que se observa na contemporaneidade é um ser humano que, muitas vezes, age de forma irracional, guiado pelo instinto, e, principalmente, pela ganância e pela sede de poder, revelando-se alheio a si mesmo. Encontra-se, na sociedade, o indivíduo esvaziado de dignidade e desprovido de sentido existencial, marcado por contextos de guerra, fome, miséria e crises de toda ordem. Tal cenário faz ressurgir com urgência um antigo, mas sempre atual, questionamento: “O que é o homem?”

Ao tomar como ponto de partida a estrutura da pessoa humana, suas diferentes dimensões e a forma como se relacionam, este estudo busca responder à pergunta “O que é o homem?” dentro do pensamento filosófico de Edith Stein (1891-1942). A filósofa, que vivenciou os horrores das duas grandes guerras mundiais, fez dessa reflexão o principal eixo de sua pesquisa, sendo este contexto existencial um fator crucial para seu questionamento acerca do ser humano e de seu lugar na sociedade.

Na reflexão de Edith Stein, a questão sobre o ser humano assume uma profundidade única, sendo marcada pela influência fenomenológica de Edmund Husserl, pela tradição filosófica cristã e por sua própria experiência espiritual. Mais do que uma simples definição, Stein propõe uma visão integral do ser humano, que considera as dimensões corpórea, anímica e espiritual, articulando razão e fé, natureza e transcendência. Refletir sobre o que é o homem em Stein é, portanto, adentrar a um

universo no qual a pessoa é entendida como um mistério que se revela no encontro consigo mesmo, com o outro e com Deus.

Diante deste contexto, insere-se a presente pesquisa, cujo principal objetivo é compreender, dentro das reflexões filosóficas de Edith Stein, a estrutura da pessoa humana, a partir de sua abordagem fenomenológica, considerando a integração e a relação entre suas dimensões, isto é, o corpo, a alma e o espírito. Para alcançar esse propósito, delinear-se os seguintes objetivos específicos: contextualizar a formação filosófica de Edith Stein e sua relação com a fenomenologia de Edmund Husserl; analisar como Stein concebe a unidade entre corpo, alma e espírito na constituição da pessoa humana; e, por fim, refletir como a compreensão da estrutura da pessoa humana em Edith Stein fundamenta a experiência da empatia, destacando suas implicações para a relação com o outro e a vivência ética.

## 2 METODOLOGIA

Na vida acadêmica, a pesquisa e a reflexão são objetos de destaque, uma vez que a função da vida universitária, não é a transmissão do saber apenas, mas a sua produção que nos é viabilizada através da pesquisa, que parte de uma construção metodológica. Moraes e Fonseca (2017, p. 102) afirmam que “a metodologia se refere ao caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa. É a escolha que o pesquisador realizou para abordar o objeto de estudo”. Ainda, de acordo com Moraes e Fonseca (2017, p. 102),

Uma pesquisa só existe através do levantamento de dúvidas referentes a algum tema, e as suas respostas buscam meios que levam o pesquisador a algum lugar com o seu trabalho científico. Todas as grandes invenções e acontecimentos do homem foram concluídos sempre pelo pressuposto de uma pergunta, de uma dúvida inerente que gerou análises para se chegar a uma solução.

Respondendo a um questionamento, ou fornecendo respostas ao problema, como afirmam Kleiman e Cavalcanti (2007, p. 9), “[...] o processo vira resultado e resultados dão início a novos processos num tecido contínuo, intrincado, multicolorido, sempre inacabado”. Para Viegas (2007, p. 66), a ciência não é algo pronto e acabado, mas um contínuo em que “[...] cada cientista ou grupo de cientistas dá a própria contribuição”.

Diante do contexto, para a realização deste trabalho e para o cumprimento dos objetivos estruturados, foi adotada uma abordagem exploratória e bibliográfica. A partir dela, possibilitou-se analisar criticamente e de forma sistematizada obras já publicadas, permitindo uma compreensão aprofundada sobre o tema proposto. Neste sentido, o trabalho buscou fundamentar-se em fontes teóricas relevantes, a fim de identificar, discutir e interpretar conceitos, argumentos e perspectivas já realizados na literatura.

Segundo Gil (2002, p. 41), a pesquisa exploratória “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, assumindo por sua vez, a pesquisa bibliográfica, que é “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Para Andrade (2010, p. 25),

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monografias não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas.

Partindo da obra da própria autora, que nasce a partir de um curso ministrado no período de 1932-1933, seu último antes da entrada no Carmelo, de nome “A Estrutura da Pessoa Humana”, traduzida por Renzo Maini e Maria Lúcia Biasi e publicado no ano de 2024, também por meio da consulta a biografias, livros, artigos científicos, teses, dissertações e documentos institucionais disponíveis em bases de dados acadêmicas como SciELO, CAPES Periódicos, Google Scholar, entre outras, com o intuito de elucidar e compreender melhor a questão fundamental apresentada.

### 3 EDITH STEIN: PERCURSO FILOSÓFICO E CONTEXTO HISTÓRICO

#### 3.1 PRIMEIRA FASE: VIDA E OBRA

Percorrendo, ainda que de forma breve, a vida da jovem Edith Stein, conforme Rocha (2014), é impossível não se imergir no contexto histórico de sua época, levando em conta as condições que moldaram o período e o mundo em que viveu, as duas grandes guerras mundiais e o sofrimento de milhões de judeus perseguidos pelo regime nazista. Ao refletir sobre o conceito de tempo, Agostinho (2008, p. 344), destaca que:

[...] está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos: passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três campos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente e o passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera.

A visão agostiniana sobre o tempo se reflete na experiência de Stein; visto que para ela, o tempo não foi apenas uma sequência de momentos isolados. As memórias das experiências passadas guiavam suas decisões e permitiam que ela vivesse intensamente no presente ao assumir suas escolhas com plena consciência e liberdade, projetando-se confiantemente para o futuro. Segundo Novinsky (2012, p. 3), Stein é considerada:

[...] uma mulher cuja vida nos apresenta um percurso complexo e dramático, provocando muitas questões. Uma “mulher múltipla” em todos os conceitos: *Edith* para sua família; *Doutora Stein*, na Universidade de Göttingen, quando aluna de Edmund Husserl; *Edith Stein* enquanto militante feminina; *Irmã Teresa Benedita da Cruz*, após sua conversão e ingresso no Carmelo; *número 44.074*, como judia deportada pelos nazistas para o campo de concentração de Auschwitz; *Santa Teresa Benedita da Cruz*, após ter sido canonizada pela Igreja Católica (grifos nossos).

Edith Theresa Hedwig Stein (1891-1942), de origem alemã e de família judia, viveu entre os finais do século XIX e a primeira metade do século XX, em um território então pertencente à Prússia, atualmente parte da Polônia. Ela era a sétima filha entre onze irmãos, dos comerciantes Siegfried Stein (1844-1893) e Auguste Stein (1849-1936), que estabeleceram comércio em Breslávia no ano de 1890.

De forte personalidade e sensível a realidade, seja pela densidade de sua vida, quer pela riqueza de seus escritos ou pela multiplicidade de funções que exerceu ao longo dos anos, Stein foi “[...] uma intelectual profundamente voltada para questões de seu tempo, tendo se dedicado à filosofia, à política, à pedagogia, a questões feministas, à teologia, à mística” (Novinsky, 2012, p. 4).

A figura materna desempenhou um papel crucial em sua formação, sobretudo para que Stein permanecesse fiel às tradições judaicas. Esse cuidado materno foi simbolicamente reforçado pelo fato de Edith ter nascido no *Yom Kippur* daquele ano, isto é, “a grande festa hebraica da reconciliação, em que o sacerdote entrava na parte mais santa do templo para oferta e expiação” (Wilderink, 2004, p. 101), a celebração mais solene e significativa no calendário judaico, marcada por jejuns e orações pelo perdão pelos erros cometidos. Conforme escreve Stein (2018, p. 82):

Para mim, esse dia tinha significado muito particular: eu nasci no dia da festa do Grande Perdão e minha mãe sempre considerou que o dia da festa era o verdadeiro dia do meu aniversário, embora o 12 de outubro fosse reservado para a comemoração e os presentes.

Seu pai faleceu em julho de 1893 de forma repentina, quando realizava uma viagem de negócios vítima de insolação. O acontecimento deu um novo significado à sua própria existência, como legado para a mãe: “[...] assim, tornei-me a última herança que meu pai deixou para minha mãe” (Stein, 2018, p. 83).

Além do pai, quatro de seus irmãos faleceram ainda na infância, realidade frequente no final do século XIX, provavelmente vítimas de uma epidemia de escarlatina (Stein, 2018). Com sete filhos sob seus cuidados após ficar viúva, Auguste enfrentou dificuldades financeiras. Apesar das recomendações familiares para vender seu comércio, decidiu mantê-lo mesmo sem pleno conhecimento do negócio. De acordo com Stein (2018, p. 43):

Sua decisão já estava tomada. Ela enfrentaria a situação sozinha e não aceitaria a ajuda de ninguém. Manteria a loja e faria crescer os negócios. O fato é que ela não entendia com profundidade o comércio de madeira, pois os filhos e a casa lhe tomaram muito tempo. Mas, como era filha de comerciante, herdou os talentos da família, dominava os cálculos e, além disso, tinha coragem e espírito de decisão para acertar nos momentos oportunos, com a prudência necessária para não se mostrar temerária. Sabia lidar bem com as pessoas e logo aprendeu a conhecer os tipos de material, a prática e a teoria do corte de madeira. Assim, progressivamente, ela conseguiu levantar novamente o negócio.

A influência materna representou um ideal admirável, isto é, um ideal de uma mulher destemida, fiel às tradições judaicas e servindo como inspiração constante aos filhos e particularmente à própria Edith: “[...] minha mãe costumava dizer que cada filho era um enigma singular” (Stein, 2018, p. 46).

Seus estudos foram iniciados na Escola Primária aos seis anos de idade, destacando-se desde cedo. Conforme observa Rocha (2014, p. 31), “Embora bem nova, já

sonhava alto e estava à frente do esperado para uma menina de sua idade”, o que atraiu o interesse de seus professores, devido à notável capacidade intelectual.

Ousou dar passos largos, ultrapassando inclusive os limites que seu próprio contexto histórico poderia oferecer. Em sua biografia, registra que “[...] via sempre diante de mim um futuro brilhante. Sonhava com a felicidade e a glória, pois estava convencida de que meu destino deveria ser grandioso; nada me identificava com o ambiente limitado e burguês em que nascera” (Stein, 2018, p. 88).

Em sua juventude, apesar da forte influência religiosa materna, declarou-se atea, embora continuasse a frequentar a sinagoga, em respeito às suas origens e à devoção de sua mãe, sem, entretanto, professar uma fé pessoal naquele período inicial de sua vida (Rocha, 2014), passando por uma crise de fé e de estudos na adolescência, se recusando a continuar os estudos, o que foi acolhido por sua mãe.

Aproveitando que estava afastada dos estudos, obedecendo o pedido de Auguste, ela foi para Hamburgo auxiliar a irmã, que estava à espera do segundo filho. Embora breve, esse período longe da escola se tornou um momento de reflexões e de questionamentos existenciais, que foram fundamentais para amadurecer, inclusive, seu pensamento crítico e sua autonomia intelectual e de vida.

### 3.2 SEGUNDA FASE: FORMAÇÃO FILOSÓFICA E INFLUÊNCIA DE HUSSERL

“Após voltar para a casa, aos dezesseis anos, deu prosseguimento aos estudos e os concluiu com nota máxima” (Rocha, 2014, p. 32). Deu início aos seus estudos acadêmicos no ano de 1911, quando ingressou na Universidade de Breslávia, onde cursou Psicologia, História, Filosofia e Gramática alemã, contudo, “foi a filosofia que a fez se elevar em sua percepção de mundo e do significado da vida” (Souza, 2021, p. 77), sobretudo, quando teve contato com a obra “Investigações Lógicas de Edmund Husserl”, se interessando pela fenomenologia, o que a fez mudar-se para Göttingen no ano de 1913.

No período de 1913 a 1916, sob orientação de Husserl, Stein aprofundou-se no método fenomenológico, que buscava descrever a essência dos fenômenos a partir da experiência vivida, suspendendo pressupostos teóricos ou científicos prévios, o que, conforme Souza (2021), a despertou, para compreender a questão quem é o homem?

Enquanto elaborava sua tese doutoral, iniciou-se a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), fato que ajudou a despertar seu interesse e abertura às necessidades humanas, e levou-a a interromper seus estudos. Após um breve curso preparatório, de quatro semanas (Stein, 2018), tornou-se em 1915, enfermeira na Cruz Vermelha alemã.

[...] tivemos de indicar se aceitaríamos ficar disponíveis para a Cruz Vermelha e especificar se o faríamos unicamente dentro da zona de defesa de Breslávia, no interior das fronteiras de nossa pátria ou sem nenhuma condição. Eu, naturalmente, disponibilizei-me sem colocar nenhuma restrição (Stein, 2018, p. 385).

Stein envolveu-se com a guerra de forma tão profunda, entendendo que “[...] minha vida já não me pertence. Tenho de investir todas as minhas forças [...]. Quando a guerra terminar, se estiver viva, poderei voltar a pensar em meus assuntos pessoais”

(Stein, 2018, p. 384), momento marcado pela perda de colegas e professores. “Dentre os mortos, estava o filho mais novo do professor Husserl, com dezessete anos” (Rocha, 2014, p. 38).

Em 1916 completou sua tese intitulada “Sobre o problema da empatia” (*Zum Problem der Einfühlung*), recebendo nota máxima e obtendo o grau *summa cum laude*. Segundo Novinsky (2012, p. 102), Stein foi “uma das dez primeiras doutoras formadas na Alemanha na época, a segunda em Filosofia, sendo a primeira sua amiga Hedwig Conrad-Martius”. Em sua tese, ela aborda a empatia como uma possibilidade de entrar em contato com o outro, no pensamento e na sensibilidade alheios.

[...] aquele outro sujeito tem originariedade, ainda que eu não vivencie essa originariedade; a alegria que brota dele é alegria originária, ainda que eu não a vivencie como originária. Em meu vivenciar não originário me sinto, de certo modo, conduzido por um originário que não é vivenciado por mim e que, no entanto, está aí, se manifesta em meu vivenciar não originário. Assim temos, na empatia, um tipo *sui generis* de atos experienciais (Stein, 2005, p. 88, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Stein aplica criativamente o método fenomenológico à questão fundamental da filosofia, isto é, a possibilidade de compreender a experiência do outro. A empatia não é apenas um sentimento vago de simpatia, mas o ato de estar unido à experiência do outro, a qual, se manifesta e possibilita a minha participação, uma relação do “eu” e “tu”. Isto é, se a pessoa chora ou está sorrindo, através de sua expressão facial, sabe-se o que se passa com a outra pessoa. Segundo Rosa (2015, p. 92), “é preciso que exista um corpo, uma alma e um espírito, ou seja, um indivíduo estruturado”, para que exista empatia, ou seja, é preciso ter acesso ao homem na sua totalidade.

Durante seu doutorado, atuou como docente, mas, devido às pesquisas, foi necessário abrir mão. Segundo Rocha (2014), entre os anos de 1916 e 1918 trabalhou como assistente de Edmund Husserl em Friburgo auxiliando os novos alunos no conhecimento do método fenomenológico e transcrevendo seus manuscritos, incluindo partes dos volumes II e III de “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica”.

Em 1921, Stein iniciou seu processo de conversão ao cristianismo após ler o Livro da Vida de Santa Teresa d’Ávila. Sua conversão representou uma mudança significativa em sua vida pessoal e profissional, mas não configurou ruptura com seu percurso intelectual, pelo contrário, sua trajetória intelectual, que transita da fenomenologia de Husserl à fé católica, não vai representar uma quebra, mas uma progressiva elucidação das camadas mais profundas do ser e da experiência humana, como afirma o professor Ivanaldo Santos.

[...] Edith Stein apresenta o método fenomenológico desenvolvido por Husserl e a perspectiva da razão natural e sobrenatural desenvolvida por Tomás de Aquino. No entanto, a grande inovação contida no artigo não é a apresentação resumida do conjunto das ideias de um pensador medieval, ou

<sup>3</sup> “[...] aquel outro sujeto tiene originariedad, aunque yo no vivencio es originariedad; la alegría que brota de él es alegría originaria, aunque yo no la vivencio como originaria. En mi vivenciar no originário me siento, en cierto modo, conducido por uno originário que no es vivenciado por mí y que empero está ahí, se manifiesta en mi vivenciar no originário. Así tenemos, en la empatía, un tipo *sui generis* de actos experienciales”.

seja, Tomás de Aquino, e um contemporâneo, Edmund Husserl, mas o fato dela demonstrar que o método fenomenológico pode ser aplicado a problemas que, até aquele momento, isto é, 1929, não tinham sido pensados pela fenomenologia, como, por exemplo, a relação entre a fé, o saber e a mística. Com esse artigo, Edith Stein provoca um aperfeiçoamento na fenomenologia, pois até aquele momento essa escola filosófica se debruçava apenas sobre os problemas da ciência, da lógica, da matemática e da psicologia. Edith Stein abriu um novo campo dentro das pesquisas fenomenológicas. Com isso, possibilitou a existência do chamado tomismo fenomenológico (Santos, 2012, p. 105).

Embora tivesse grande respeito por Husserl, Stein não se limitou apenas à reprodução do pensamento dele, mas, ampliou e, em alguns aspectos, criticou a perspectiva husserliana, sobretudo diante dos limites da fenomenologia transcendental para explicar a estrutura integral da pessoa humana. Sua abertura ao diálogo com a tradição filosófica, especialmente com Tomás de Aquino, e seu interesse pela dimensão espiritual e religiosa da existência a levaram a ultrapassar os horizontes da fenomenologia husserliana, sem, no entanto, abandonar a base metodológica recebida de seu professor.

De 1923 até 1931 ensinou no Instituto Santa Maria das Dominicanas, em Speyer, período em que produziu grande parte de sua Obra Pedagógica, como conferências e cursos, entre eles o curso “*A Estrutura da Pessoa Humana*” (1932/1933). Conforme Rocha (2014), em 1932, Stein, assumiu o posto de docente no Instituto Alemão de Pedagogia Científica em Münster, realizando também diversas conferências pelo país, até ser impedida pelo regime nazista no ano de 1933, devido às perseguições aos judeus, momento em que retomou as reflexões sobre seu ingresso na vida monástica, o que aconteceu em 1934, adotando o nome de Irmã Teresa Benedita da Cruz.

Em 1938, as irmãs foram transferidas para o Carmelo de Echt, na Holanda (Stein, 2018), para fugir da perseguição, e de lá, não conseguindo fugir, acolheu consigo o destino de “seu povo”, sendo presa e depois enviada para Auschwitz, onde foi assassinada em 09 de agosto de 1942.

[...] entre os presos que chegaram no dia 5 de agosto ao campo (Westerbork), destacava-se nitidamente Irmã Benedita por seu comportamento pacífico e sua atitude tranquila. Os gritos, lamentos e o estado de superexcitação angustiosa dos recém-chegados eram indescritíveis! Irmã Benedita estava no meio das mulheres, como um anjo de consolação acalmando umas, tratando outras. Muitas das mães pareciam entregues a uma espécie de prostração próxima à loucura. Deixavam-se ficar gemendo como atoleimadas e descuidando-se de seus filhos. Irmã Benedita ocupava-se dessas crianças, dava-lhes banho, penteava-os, preparava-lhes o alimento, cercando-as dos cuidados indispensáveis. Durante todo o tempo que esteve no campo, dispensou a seus companheiros uma ajuda tão caridosa que todos se mostravam comovidos (Muribel, 2001, p. 189).

Por seu testemunho de fé, sua inteligência e suas virtudes, Stein foi beatificada em Colônia, no ano de 1987, e, em 1998, na Basílica de São Pedro, no Vaticano, foi canonizada com o nome de Santa Teresa Benedita da Cruz. Na homilia, o papa João Paulo II a apresentou como “uma jovem em busca da verdade” (João Paulo II, 1998), impulsionada pelo desejo do conhecimento e do seguimento de sua fé.

O amor de Cristo foi o fogo que ardeu a vida de Teresa Benedita da Cruz. Antes ainda de se dar conta, ela foi completamente arrebatada por ele. No início, o seu ideal foi a liberdade. Durante muito tempo, Edith Stein viveu a

experiência da busca. A sua mente não se cansou de investigar e o seu coração de esperar. Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e no fim foi premiada: conquistou a verdade; antes, foi por ela conquistada. De fato, descobriu que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela. Olhando como Carmelita para este período da sua vida, escreveu a uma Beneditina: “Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente, procura a Deus”. [...] No fim do longo caminho, foi-lhe dado chegar a uma surpreendente conclusão: só quem se une ao amor de Cristo se torna verdadeiramente livre (João Paulo II, 1998).

Até os últimos momentos de sua vida, Edith Stein revelou uma profunda empatia e generosidade, vivendo de modo desprendido de si mesma e plenamente aberta às necessidades dos outros, a quem reconhecia como seus semelhantes.

#### 4 A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN

Na Sagrada Escritura encontra-se o questionamento: “[...] o que é o homem, para dele assim lembrades e o tratades com tanto carinho?” (Sl 8,5) (Bíblia, 2022, p. 733). O salmista, ao contemplar toda a obra da criação, indaga sobre o lugar do homem no universo, reconhecendo que, embora seja ele “pouco abaixo de Deus” (Sl 8,6), é coroado de glória e esplendor. Essa afirmação destaca a importância do homem como ponto culminante da criação, agraciado de inteligência, razão e capacidade de amar e servir.

Desde o berço da civilização, a humanidade tem buscado respostas para as angústias existenciais que a inquietam e a movem em busca de sentido, sobretudo em questões em torno da vida, da morte, da liberdade, da doença e outros sofrimentos. É em meio a estas incertezas que a filosofia surge como um caminho de reflexão e orientação.

Para Chauí (2002, p. 11):

A filosofia seria a arte do bem-viver. Estudando as paixões e os vícios humanos, a liberdade e a vontade, analisando a capacidade de nossa razão para impor limites aos nossos desejos e paixões, ensinando-nos a viver de modo honesto e justo na companhia dos outros seres humanos, a filosofia teria como finalidade ensinar-nos a virtude, que é o princípio do bem-viver.

A existência humana é marcada pela capacidade de refletir sobre si mesmo e atribuir significado às experiências vividas, e é essa consciência que define o indivíduo como sujeito. É justamente por meio dessa consciência de si que emerge a pergunta pelo sentido do mundo e de si mesmo. Ao longo da história, a humanidade nunca cessou de buscar respostas para as angústias fundamentais que a atravessam, tanto diante dos fenômenos que a cercam, quanto diante do enigma que ele própria representa.

Segundo Vaz (2014, p. 13):

Desde a aurora da cultura ocidental (cujos começos se situam convencionalmente em torno do século VIII a.C., na Grécia), a reflexão sobre o homem, aguilhoada pela interrogação fundamental “o que é o homem?”, permanece no centro das mais variadas expressões da cultura: mito, literatura, ciência, filosofia, *ethos* e política [...] singularidade própria do homem que é a de ser o interrogador de si mesmo.

Antes mesmo de o homem grego questionar a realidade e buscar respostas de forma racional ou filosófica, ele buscou dar significado para o mundo em que vivia através

dos mitos. Os mitos surgiram, mesmo sem dar conceitos racionais, mas sim através de forças divinas, personagens religiosos, respondendo às inúmeras indagações do homem, inclusive sobre ele próprio, dando sentido à sua existência e tornando-a mais segura.

Conforme afirmam Reale e Antiseri (1990), a filosofia nasce da ruptura com os mitos, e com ela, surge o questionamento do cosmos, da essência do homem, o que nos difere de outros animais, entre outros temas, partindo inicialmente de um princípio originário das coisas, a *physis* ou natureza. Com o passar do tempo e através das contribuições significativas de grandes filósofos, houve um deslocamento no foco das reflexões para o homem.

As questões “O que é o homem?”, ou “o que caracteriza a pessoa humana?”, são complexas e atravessam culturas e diversas épocas da história, e nos oferecem um vasto campo de reflexão, pois a pessoa humana é objeto de estudos de vários outros campos reflexivos, além da filosofia, mas, cada uma buscando suas próprias respostas dentro dos contextos históricos específicos. Como define Sberga (2014, p. 148), “O ser humano é o único capaz de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de reflexão e conhecimento por si mesmo”, considerando uma dupla função, a ativa, de se analisar na sua própria essência e, passiva, de ser analisado por si mesmo.

Edith Stein, oferece uma perspectiva singular sobre a estrutura da pessoa humana ao articular elementos da fenomenologia husserliana com a tradição metafísica cristã. Sua obra apresenta uma visão unificada e ao mesmo tempo multifacetada da pessoa humana composta por *corpo, alma e espírito*, reconhecendo ainda sua abertura transcendental tanto para o mundo quanto para os outros indivíduos e para o Absoluto. O homem, segundo Stein (2005, p. 32):

[...] é um ‘composto’ de vários estratos: o Eu puro, como sujeito de experiência e unidade de consciência; a alma como parte essencial do indivíduo, sua unidade substancial, o corpo ao que está unida a alma e que se vive como ‘experiência’, como ‘meu corpo’ e, portanto, como algo vivo (Leib e não Körper) (tradução nossa)<sup>4</sup>.

O homem não é uma mera justaposição de corpo e alma, mas sim, uma unidade dinâmica e integrada, cuja profundidade só pode ser compreendida por meio da articulação desses estratos.

O ser humano é um ser corporal vivo-anímico-espiritual. Enquanto o homem é espírito segundo sua essência, sai de si mesmo com sua “vida espiritual” e entra em um mundo que lhe abre, sem perder nada de si mesmo. “Exala” não só sua essência – como em todo produto real – de uma maneira espiritual expressando-se o mesmo de modo inconsciente: ademais atua pessoal e espiritualmente. A alma humana, enquanto espírito se eleva em sua vida espiritual acima dela mesma. Porém o espírito humano está condicionado pelo que lhe é superior e inferior: está imerso em um produto material que ele anima e forma em vista de sua configuração de corpo vivo. A pessoa humana leva e engloba “seu” corpo vivo e “sua” alma, porém, é ao mesmo tempo levada e envolta por eles. Sua vida espiritual se eleva de um fundo escuro, sobe como uma chama de círio brilhante, porém nutrida por um material que

---

<sup>4</sup> “[...] es un ‘compuesto’ de varios estratos: o Yo puro, como sujeto de experiencia y unidad de conciencia; el alma como parte esencial del individuo, su unidad sustancial; el cuerpo al que esta unido el alma y que se vive como ‘experiencia’, como ‘mi cuerpo’ y por tanto como algo vivo (leib y no körper)”.

ele mesmo não brilha. E brilha ela sem ser absolutamente luz: o espírito humano é visível para si mesmo, porém não é totalmente transparente; pode iluminar outra coisa sem atravessá-la inteiramente (Stein, 2007, p. 959-960, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Stein valoriza positivamente o corpo, não o separando nem o descartando, o vê, não como prisão da alma, mas como fonte da vida espiritual, da definição da pessoa e de percepção de corporeidade a partir das sensações. Para Stein, a pessoa humana não é apenas o espírito, ou a alma, ou o corpo, nem a soma de partes, mas uma unidade intrínseca que se manifesta em diferentes dimensões, em íntima relação. “[...] não é possível que haja uma sem houver a outra” (Rosa, 2015, p. 95).

Enquanto ser espiritual, o homem é capaz de sair de si e abrir-se ao mundo, comunicando-se e atuando de modo consciente e pessoal, sem perder sua própria identidade. Seu espírito, embora elevado e transcendente, está condicionado tanto pelo que o ultrapassa quanto pelo que o sustenta materialmente, pois anima e configura o corpo vivo que o expressa. Segundo Alferi (2014, p. 18):

[...] quando falamos da concepção de pessoa em Edith Stein, compreendemos que não há em si uma conceituação no sentido mais estrito da palavra. Ela não busca compreender o significado da palavra “pessoa”, mas busca entender a pessoa como fenômeno. Isso quer dizer que a antropologia filosófica proposta por Edith Stein não é construída sobre uma formulação ideal do que seria uma pessoa, mas sobre a experiência do ser pessoa.

Ao invés de definir o conceito de “pessoa” de modo abstrato, Stein parte da experiência vivida e da manifestação concreta do ser humano. Assim, sua investigação não busca estabelecer um conceito fixo ou uma essência teórica, mas compreender como a pessoa se revela no fenômeno do existir, na vivência concreta e relacional.

Dessa forma, a pessoa não é, para Stein, um objeto de definição, mas um fenômeno de presença e interioridade, que se desvela na experiência empática, na liberdade e na autotranscendência. Essa perspectiva aproxima sua filosofia de uma antropologia existencial e espiritual, que reconhece a complexidade e a profundidade da vida pessoal.

Conforme Sberga (2014, p. 106):

Analisando mais intensamente o ser humano em sua especificidade, Husserl e Stein constataam que o ser humano, por ter uma estrutura pessoal, se diferencia de todos os outros seres da natureza. Como pessoa, pode refletir sobre si mesmo, ser sujeito da sua própria reflexão. A pessoa se dá conta

---

<sup>5</sup> “El ser humano es un ser corporal vivo-anímico-espiritual. En cuanto el hombre es espíritu según su esencia, sale de sí mismo con su ‘vida espiritual’ y entra en un mundo que se le abre, sin perder nada de sí mismo. ‘Exhala’ no sólo su esencia – como toda hechura real – de una manera espiritual expresándose él mismo de modo inconsciente: además actúa personal y espiritualmente. El alma humana en cuanto espíritu se eleva en su vida espiritual por encima de sí misma. Pero el espíritu humano está condicionado por lo que le es superior e inferior: está inmerso en un producto material que él anima y forma en vista de su configuración de cuerpo vivo. La persona humana lleva y abarca ‘su’ cuerpo vivo y ‘su’ alma, pero, es al mismo tiempo soportada y abarcada por ellos. Su vida espiritual se eleva de un fondo oscuro, sube como una llama de cirio brillante pero nutrida por un material que él mismo no brilla. Y brilla ella sin ser absolutamente luz: el espíritu humano es visible para sí mismo, pero no es del todo transparente; puede iluminar otra cosa sin atrevesarla enteramente”.

daquilo que lhe acontece e também daquilo que acontece ao seu redor. Seu corpo vivente porque tem matéria e tem psique. A vida psíquica aproxima o mundo animal do mundo humano.

Tudo na pessoa é interligado, formando um único ser dotado de consciência, liberdade e capacidade de escolha. O ser humano pode agir movido pelos impulsos naturais, próprios de sua dimensão corpórea e anímica, ou elevar-se pela força do espírito, orientando-se para o bem, a verdade e a transcendência. Ainda que, por razões pedagógicas, se possa distinguir o corpo, a alma e o espírito, como o é feito, tais dimensões não se separam, mas constituem uma unidade vital. Assim, o homem é corpo, alma e espírito em uma única substância pessoal, um verdadeiro microcosmo no qual se reflete a totalidade da criação.

#### 4.1 A TRÍPLICE ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA

##### 4.1.1 O homem organizado como corpo físico (*Körper*) e corpo vivo (*Leib*)

“O material de onde parte nossa investigação acerca do ser humano é, portanto, o que temos diante dos nossos olhos na experiência viva e é algo variável” (Stein, 2024, p. 50). Para ela, “uma análise separada das três dimensões humanas [...] é, obviamente, fruto da abstração, porque na realidade há um entrelaçamento vital e necessário entre elas” (Kusano, 2009, p. 59).

[...] se quisermos saber o que é o ser humano, devemos nos colocar de modo mais vivo e possível na situação em que fazemos a experiência da existência humana, ou seja, do que experimentamos em nós mesmos e do que experimentamos no encontro com os outros” (Stein, 2024, p. 49).

Aqui fica claro a influência do método fenomenológico, isto é, não tenho acesso ao corpo com a objetividade científica, mas com a experiência vivida. O corpo físico é objeto da ciência natural, enquanto o corpo vivido é objeto da fenomenologia. À luz do pensamento de Stein, compreende-se que o corpo não é apenas um dado biológico, mas o fundamento ontológico da presença do ser humano no mundo. Ele é a base da existência e o ponto de partida de toda a experiência, pois é por meio dele que o homem se manifesta e se relaciona com a realidade (Oliveira; Antúnez, 2017, p. 133).

Inspirada pelo pensamento de Husserl, Stein apresenta uma análise fenomenológica do corpo ao mostrar como ele se apresenta a nós enquanto corpo físico (*Körper*), ou seja, aquele que pode ser tocado, observado e manipulado; o suporte para nossas ações, da vida, e não está separado da alma, podendo ser comparado ao corpo das plantas e dos animais, pois demanda de recursos para a sobrevivência. Por outro lado, o corpo vivo (*Leib*) possui a capacidade de agir, de sentir, de reagir, transformar, de comunicar e de se expressar, portador de sensibilidade, capaz de sentir seu ambiente externo e de agir sobre ele, fazendo uma conexão com a alma e o espírito (Oliveira; Antúnez, 2017, p. 133).

Com o corpo, a pessoa carrega consigo suas características próprias, sua forma, cor, altura, apreendidas na exterioridade. Nesse contexto, pode-se afirmar que a pessoa humana, em sua dimensão corpórea, é também uma “coisa material”.

[...] Nas pessoas que não conhecemos é já o externo que primeiro nos chama a atenção: se são altas ou baixas, de pele clara ou escura etc. A forma, a altura, a cor: todas essas são características que possui qualquer coisa material. De início, por sua constituição corporal, o homem é uma coisa

material como qualquer outra, está submetido às mesmas leis e está inscrito no marco da natureza material. (Stein, 2024, p. 50).

Stein distingue o corpo material do ser humano dos demais corpos, concluindo que, se a pessoa humana fosse apenas uma realidade material, estaria reduzida a um corpo entre outros. O homem, porém, é um ser vivo, animado, dotado de interioridade. Ele possui vida e movimento, é *Körper* e *Leib*, e não *Körper* apenas. Mais ainda possui, “[...] pontos de recepção nos quais acolhe a realidade que está diante de si, assim como a capacidade de se mover, isto é, responder de forma motora [...], configurando-se como ‘ser sensível e ser animado’” (Coelho; Miguel, 2006, *apud* Rosa, 2015, p. 96).

Para Stein (2024, p. 50):

Quando um ser humano se movimenta, esse movimento pertence naturalmente à sua imagem. Se uma pedra ou uma figura de cera começassem a se movimentar sem um impulso externo, nos assustaríamos. [...] É próprio do ser vivo se movimentar sozinho. O ser humano, portanto, é mais que um corpo material, é um vivente.

Ao longo da vida, o corpo atravessa fases de crescimento, maturidade e declínio, expressando concretamente o dinamismo vital que o constitui. Saúde, vigor, doença e fraqueza revelam uma “força vital” sempre atuante, que traduz a tensão entre o finito e o espiritual no homem. Assim, em Stein, o corpo não é uma prisão da alma, mas o lugar onde a interioridade se faz visível, o símbolo sensível do espírito que habita a pessoa e a projeta na comunhão com o mundo e com os outros.

#### 4.1.2 O homem como ser *anímico* – a *psique* (*Seele*)

Como afirma Peretti e Dullius (2018, p. 158), o corpo “é a porta de entrada da percepção do mundo a partir das vivências. É por meio dos sentidos do corpo físico que o sujeito pode refletir sobre vivências e torná-las conscientes, ou seja, tomar em mãos, apropriar-se do seu ser em ação”. Assim, o ser humano tem um corpo vivente, porque tem matéria e *psique*.

Intimamente ligado ao corpo vivo, mas ao mesmo tempo distinto dele, encontra-se a segunda dimensão, a *psique* ou alma (*Seele*), que dá forma à matéria, ou seja, conforme Chiquito (2024, p. 10), “toda a consciência e expressão da alma acontece e se expressa a partir do corpo físico”.

A alma dá vida ao corpo, “a forma vital, a ‘alma’ faz do corpo humano um organismo. Quando nele já não há vida, só é uma coisa material como outras muitas” (Stein, 2024, p. 64). Como afirma Sberga (2014), é impossível a existência da matéria sem a forma.

Ter alma quer dizer possuir um centro interior, no qual se percebe o entrelaçamento de tudo o que vem de fora, e do qual procede tudo que se manifesta na conduta do corpo como proveniente de dentro. Trata-se de um ponto de intercâmbio, no qual impactam os estímulos e do qual saem respostas” (Stein, 2024, p. 75).

Stein atribui novo sentido à alma, ao dizer que “[...] a alma, como ‘castelo interior’ [...] não é o modo de como o ‘eu puro’, e sim um ‘espaço’ – um castelo com muitas

moradas – onde o eu pode mover-se livremente saindo ou retirando-se mais ao interior” (Stein, 2007, p. 968, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Segundo Sberga (2014, p. 117), “[...] a vida psíquica aproxima o mundo animal do mundo humano”, de forma que ambos possuem estímulos, mas o que o difere e o que torna o homem pessoa é a percepção, pois ele se percebe como tal, como “eu”. Há na pessoa humana uma interioridade que não existe nos animais, pois o homem pode sair de si próprio, para entrar e penetrar no mundo e enxergá-lo como ele se manifesta a ele, já o animal não. “O homem é senhor de sua alma” (Rosa, 2015, p. 98).

Stein (2024, p. 118) assim afirma:

Olho nos olhos de um ser humano e o seu olhar me responde. Deixa-me penetrar na sua interioridade ou me rejeita. Ele é senhor da sua alma e pode fechar ou abrir as suas portas. Pode sair de si mesmo e penetrar nas coisas. Quando dois seres humanos se olham, um eu está diante de outro eu. Pode ser um encontro que ocorre no limiar, ou na interioridade. Quando é um encontro na interioridade, então o outro eu é um tu. O olhar do ser humano fala. Me olha um eu senhor de si, vigilante. Para indicar isso também dizemos: uma pessoa espiritual livre. Ser pessoa significa ser um ser livre e espiritual. O fato que o ser humano é uma pessoa o diferencia de todos os seres naturais.

Stein deixa clara a diferença do ser humano para com os outros animais, uma vez que no homem se identifica uma causa interna que o permite não ficar preso às leis da natureza, mas que o implica a ter sensações, emoções, ânimo e outras características como a alegria, a dor, o amor, o medo, a esperança, que vão complementando a unidade.

#### **4.1.3 O homem como ser *espiritual***

Para Stein, o espírito representa a dimensão mais elevada do ser humano, onde se encontram a autoconsciência, a liberdade e a abertura ao Absoluto. Segundo Rosa (2015, p. 98), “o espírito (*geist*) é uma ‘abertura para algo’, seja para o mundo objetivo das coisas da natureza, seja para o mundo subjetivo dos seres humanos (vivência empática) ou do Ser divino”.

É por meio do espírito que o indivíduo se torna consciente e toma posição frente aos aspectos psíquicos, utilizando seu corpo como um instrumento disponível. De acordo com Rosa (2015, p. 98), o ser humano possui livre arbítrio e pode optar entre o bem e o mal, podendo agir de maneira virtuosa ou não, ao contrário dos animais que são classificados como selvagens, não possuindo consciência de que estão vivendo.

É o espírito que dá ao homem as possibilidades de fazer as suas escolhas e refletir sobre o sentido de cada uma delas. É nele que reside a capacidade de razão, da vontade livre e da abertura ao transcendente.

Segundo Stein (2003, p. 706):

A relevância da alma para a estrutura da pessoa humana, concedida esta última como um ser e que o espírito e o material se interpenetram de um

---

<sup>6</sup> “[...] El alma, como ‘castillo interior’ [...] no es a modo de punto como el ‘yo puro’, sino un ‘espacio’ – un ‘castillo’ con muchas moradas – donde el yo puede moverse libremente saliendo o retirándose más al interior”.

modo muito específico, nos servirá, mais acima, para estabelecer uma contraposição entre a pessoa humana e outros seres pessoais-espirituais. Desejaria, agora, mostrar outra característica própria da alma que a caracteriza como um ser peculiar já dentro do âmbito do espiritual (tradução nossa).<sup>7</sup>

O espírito, conforme Chiquito (2024), é a dimensão que define especificamente o ser humano e, portanto, não pode ser encontrado em qualquer outro tipo de criatura existente na humanidade. Segundo Sberga (2014, p. 121), “[...] o *Spiritus* indica algo da alma, ou seja, que o ser humano tem algo em si que não é o corpo e que se aproxima de outras realidades, como a de Deus, que é o Espírito por excelência, ou dos anjos que são espíritos puros finitos”.

O espírito permite ao ser humano transcender a si mesmo, buscar o conhecimento, estabelecer valores, tomar decisões morais e, fundamentalmente, relacionar-se com Deus. É no espírito que se encontra a capacidade de autorreflexão, de busca da verdade e da aspiração à plenitude.

Conforme Sberga (2014, p. 125), “[...] na unidade entre a *psique* e o espírito está a alma, mas a ‘alma da alma’, o espírito, na parte mais profunda da pessoa, onde reside sua força espiritual, sua motivação, sua liberdade e seu querer agir em vista do bem e da verdade”, o espírito, núcleo interior da pessoa, retrata seu intelecto, vontade e razão, mas também de possibilitar comunicar-se com outros, através do ato de conhecer, amar e transcender. Para Peretti e Dullius (2018, p. 162):

[...] ao aprofundar o conceito de espírito como expressão abrangente do que move o ser em Edith Stein, afirma que o espírito é um emergir [no sentido de ir além] por si mesmo, uma abertura em uma dúplici direção: ao mundo objeto que vem a ser experienciado, e à subjetividade de outrem, ao espírito alheio, junto de quem se experiência e se vive.

Stein questiona uma antropologia reducionista, que vê o homem apenas em características de uma ciência natural, como somente um exemplar a mais da espécie. Pelo contrário, o ser humano deve ser visto na sua totalidade, composto de corpo, alma e espírito, que não são partes independentes, mas dimensões inter-relacionadas de um mesmo ser. O corpo manifesta a alma; a alma anima o corpo; o espírito confere sentido e direção. Essa estrutura trinitária reflete a unidade dinâmica da pessoa, que é ao mesmo tempo natural, psíquica e espiritual.

## 5 A INTEGRIDADE DO SER HUMANO E A ABERTURA AO OUTRO

A estrutura da pessoa humana em Edith Stein, conforme foi apresentada no decorrer do texto, não é uma concepção acidental de partes, mas uma unidade no qual o corpo, a alma e o espírito se unem e se ordenam a uma finalidade, constituindo o ser humano como sujeito de experiência, liberdade e sentido. Pode-se afirmar então, dialogando

---

<sup>7</sup> La relevancia del alma para la estructura de la persona humana, concebida esta última como un ser en el que el espíritu y el 'material' se interpenetran de un modo muy específico, nos servía más arriba para establecer una contraposición entre la persona humana y otros seres personales-espirituales. Querría ahora mostrar otra característica propia del alma que la caracteriza como un ser peculiar ya dentro del ámbito de lo espiritual.

com Stein (2024), que o corpo sem alma é matéria; a alma sem espírito é instinto e cego; o espírito sem corpo é abstração.

Essa estrutura integral, é o fundamento que torna possível a empatia (*Einfühlung*), entendida por Stein como o ato pelo qual o “eu” apreende a vivência do outro sem confundi-la com sua própria. Para Stein (1998, p. 200 *apud* D’Ambra, 2022, p. 3):

A empatia, enquanto presentificação, é vivência originária, uma realidade presente. Porém, o que se presentifica não é uma própria “impressão” passada ou futura, mas um movimento vital, presente e originário de outrem que não está em relação contínua com o meu viver e não se pode fazer coincidir com ele.

De forma que, a empatia oferece um certo conhecimento do que é experienciado pelo outro, fazendo que o “eu” adentre o mundo espiritual de “outra” pessoa, e em certa medida, no conhecimento de sua personalidade. Conforme D’Ambra (2022, p. 3), “[...] o que nos é oferecido no ato empático é o conhecimento dos traços essenciais das vivências, apresentados em caráter universal. O conhecimento dos traços individuais é bem mais difícil: está reservado só a Deus [...]”.

A concepção de Edith Stein sobre a pessoa humana não é estática, mas relacional. O ser humano realiza-se na relação: consigo mesmo, com o outro e com Deus. Essa dimensão relacional é consequência direta da estrutura espiritual da pessoa, que a torna capaz de comunhão e doação. A pessoa humana não se constitui isoladamente, mas na relação com o outro. Segundo Sberga (2014, p. 125):

[...] o indivíduo humano vive no mundo, por isso ele é um ser social. Sua estrutura de pessoa humana individual é determinada pelo seu ser social em uma multiplicidade de aspectos, que se dão por meio dos atos sociais, das relações sociais, das formas sociais e dos tipos sociais.

O ser humano é compreendido a partir da dinâmica de atos, relações e tipos sociais (Sberga, 2014). Em Stein, toda a construção social, gira em torno de um processo de construção e de desenvolvimento da pessoa, que ocorre não na individualidade, mas com a ajuda de outras pessoas. De acordo com Stein (2024, p. 188), “podemos decompor o ser social do homem em uma multiplicidade de aspectos: 1) ele cumpre atos sociais, 2) mantém relações sociais, 3) é membro de estruturas sociais, 4) é um tipo social”. Enquanto ser social, se revela em toda a sua multiplicidade.

Conforme Stein (2024, p. 188-191):

1. Atos Sociais [...] os atos em que uma pessoa se direciona a outras pessoas, ou seja, perguntas, pedidos, ordens [...] posicionamentos que se assumem em relação a outras pessoas [...] promessas que produzem direito de exigir a sua realização. 2. Relações Sociais [...] não são atos de uma pessoa, mas algo que subsiste entre pessoas. Enquanto nutro sentimentos de amizade por uma pessoa sem que o outro saiba, não existe ainda amizade entre nós [...]. 3. Estruturas Sociais (comunidades) [...] sentido literal do termo [...] pessoas, atos sociais e as suas relações [...] 4. Tipos sociais [...], ele possui na estrutura do seu ser pessoal algo que é comum a todos os outros que pertencem a essa comunidade e o diferencia dos que fazem parte de outras comunidades.

O ser humano não é um ser isolado, pois tem necessidade de relacionar-se com outros para constituir comunidade, se formar e formar outros. De acordo com Sberga (2014, p. 126), “[...] a comunidade é a forma de convivência humana ideal, porque todas as pessoas são envolvidas e se sentem pertencentes ao grupo”, e na

comunidade, se realiza o diálogo para a busca de valores e princípios, a busca de um ideal moral, próprio da característica espiritual do ser humano.

Assim, para Sberga (2014, p. 126), “a comunidade não é guiada por atitudes psíquicas, mas por aquelas que se referem ao espírito, que solicita a reflexão, as críticas em favor da construção de um projeto em vista do bem comum”, e que “para que seja uma comunidade de povo, é necessário que os membros vivam numa comunhão espiritual, formando a comunidade a partir de interesses comuns”.

Segundo Stein (2024, p. 189), comunidades:

Trata-se de estruturas em que as pessoas, os seus atos sociais e as suas relações sociais desempenham um papel importante. Pode-se falar de comunidade em sentido amplo quando não somente subsistem relações recíprocas entre pessoas, mas onde estas se apresentam também como unidades, no interior das quais estão unidas em um “nós”.

A empatia, como abordado por Stein, é a via de acesso à alteridade e um fundamento para a construção da comunidade, ou seja, é na interação um com o outro, que a própria identidade se solidifica e se aprofunda. A comunidade é vista não apenas como um agrupamento de pessoas, mas como um espaço de coexistência e de corresponsabilidade, onde cada pessoa contribui para o crescimento do todo.

Conforme afirma Stein (2003, p. 70), “O mundo no qual eu vivo não é só o mundo de corpos físicos, é também um mundo de Sujeitos alheios, outros a mim, e eu sou o conhecimento desta experiência vivenciada”, ou seja, ao tratar da estrutura do ser humano, Stein valoriza o “eu que vive e que conhece”, e os “sujeitos alheios”, que se relacionam no cotidiano da vida.

Conforme Sberga (2014, p. 127):

Ao nascer, o ser humano traz consigo, inato, em potência, tudo o que é próprio de um ser humano, traz traços pessoais ligados à sua raiz interior, a uma forma substancial, e também recebe, por hereditariedade, certos traços típicos que vêm determinados pela sua descendência e pela sua cultura.

O que, no entanto, “[...] este novo indivíduo não é uma mera combinação de partes ajuntadas exteriormente. Ele é uma particular unidade psicofísica que tem uma alma humana como centro da existência e forma dominante” (Stein, 2024, p. 198), e toda essa potencialidade precisa ser desenvolvida, sobretudo, no ambiente em que está inserido e na convivência em determinada realidade, recebendo os valores presentes, que o vão tornar uma pessoa melhor e, “com a consciência de pertencer a um povo” (Stein, 2024, p. 199), tudo em vista do bem comum.

Uma das grandes problemáticas encontradas na história, e que Stein viveu e por ele foi assassinada em Auschwitz no ano de 1942, está na perspectiva do egoísmo e do narcisismo. O homem está cada vez mais individualista, inserido em uma cultura do descartável e do momentâneo, buscando unicamente alimentar suas próprias vontades, mesmo que de forma supérflua e passageira.

De acordo com Grzibowski e Barea (2015, p. 36), “o fenômeno que leva o sujeito ao encontro do mundo das coisas e o mundo de outros sujeitos se estabelece pela empatia”, o que não é dado somente com o corpo físico, mas também com o corpo dotado de sensibilidade, ou seja, para Stein (2003, p. 70), nos estabelecemos em relação com “um eu capaz de ter a sensação, de pensar, de sentir, de querer, de agir,

como corpo que não faz parte somente de meu mundo fenomênico, mas o próprio centro de orientação de um similar mundo fenomênico [...] com o qual eu estou em uma troca recíproca”.

Assim, o fenômeno empático não pode ser compreendido fora da totalidade do ser humano. Segundo Kusano (2014, p. 93), “a empatia é o caminho pelo qual o ser humano se descobre capaz de transcender a si mesmo em direção ao outro, preservando, contudo, a própria identidade”. Nessa perspectiva, a empatia é expressão da liberdade e da espiritualidade humana, pois requer a capacidade de reconhecer o outro não como objeto, mas como sujeito de valor. A alteridade, portanto, não é mera exterioridade, mas dimensão constitutiva da existência pessoal.

De acordo com Stein (2003, p. 227-228):

Temos afirmado que o significado do conhecimento, que podemos obter da pessoa alheia, também tem o propósito de nosso “auto-conhecimento”. Ela não só nos ensina [...] a se colocar como objeto de nós mesmos, mas carrega o desenvolvimento, enquanto empatia de “naturezas afins”, ou seja, de pessoas de nosso tipo, aquele que em nós está dormindo e, portanto, fica claro, enquanto empatia das estruturas pessoais diferentemente formadas, aquilo que somos e o que não somos a mais ou a menos que os outros. Com o que é dado ao mesmo tempo, para além do autoconhecimento, uma ajuda importante para a auto-avaliação. O fato da vida é um valor fundamental em relação ao seu valor. Desta forma, com os novos valores obtidos por meio da empatia, o olhar se desdobra simultaneamente sobre os valores desconhecidos da própria pessoa.

No horizonte filosófico e espiritual de Stein, a empatia está ligada à ideia de participação no ser. O ser humano, ao abrir-se ao outro, participa do movimento mesmo da vida divina, que é comunhão. O amor, enquanto forma suprema da empatia, é a expressão mais alta da unidade corpo – alma - espírito. Nessa perspectiva, a estrutura da pessoa humana não é um dado fixo, mas uma vocação: tornar-se pessoa em relação. Essa dinâmica relacional aponta para o fundamento teológico da antropologia steiniana, em que o homem é imagem de Deus precisamente por ser capaz de amar e de ser amado.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa sobre a estrutura da pessoa humana em Edith Stein, revelou que sua antropologia fenomenológica é, antes de tudo, uma antropologia da unidade e da relação. O ser humano é compreendido como uma totalidade integrada de corpo, alma e espírito, cujas dimensões se relacionam na dinâmica da experiência. O corpo insere o homem no mundo e o torna capaz de perceber; a alma acolhe e interpreta as vivências; o espírito confere sentido e orienta a existência para a verdade e para o bem. Essa unidade não é apenas ontológica, mas também existencial e ética.

A empatia, nesse contexto, aparece como ponto de convergência da estrutura humana. Por meio dela, o sujeito ultrapassa o isolamento e se abre ao outro, descobrindo-se como ser de comunhão. A experiência empática manifesta a dignidade da pessoa e revela que o homem é chamado a viver em relação, em um mundo marcado pela fragmentação e pela indiferença, a filosofia steiniana propõe um caminho de reconciliação entre interioridade e alteridade, razão e afeto, natureza e transcendência.

Do ponto de vista ético, a empatia fundamenta a responsabilidade pelo outro, o reconhecimento do outro como sujeito de valor, convoca o “eu” à solidariedade e ao cuidado. Nesse sentido, a empatia não é apenas uma disposição afetiva, mas um princípio de ação moral e comunitária. Do ponto de vista espiritual, ela abre o homem à experiência do divino, pois somente quem é capaz de acolher o outro pode também acolher a presença de Deus.

Do ponto de vista prático, abre-se um horizonte fecundo para estudos futuros que explorem a aplicação de sua antropologia à educação, à ética das relações interpessoais e ao diálogo entre filosofia e teologia, pensando o homem na unidade, não desvalorizando uma das partes, em detrimento de outra, pois o homem é visto na sua totalidade. Ser pessoa, para Edith Stein, é ser unidade viva e relacional, chamada à comunhão com o outro e com o Transcendente. A empatia, portanto, constitui o caminho privilegiado pelo qual o ser humano se realiza plenamente como imagem de Deus e como presença significativa no mundo.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. 20. Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ALFERI, Francesco. **Pessoa Humana e Singularidade em Edith Stein**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 18.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 6. ed. Brasília, DF: Edições CNBB, 2022. p. 733.

CHAUÍ, Marilene. **Filosofia**: série novo ensino médio. Volume único. São Paulo: Ática, 2002.

CHIQUITO, Valdirlei Augusto. Um ensaio sobre a estrutura da pessoa humana em Edith Stein: compreendendo o homem pela consideração. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 13, p. 01-20, dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.13-103>. Acesso em: 12 out. 2025.

D’Ambra, Michele. Da autobiografia e epistolário de Edith Stein, os anos de sua formação. **Memorandum**: memória e história em psicologia, Belo Horizonte, 2022, v. 39, jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/37982>. Acesso em: 15 maio 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas. 2002.

GRZIBOWSKI, Silvestre; BAREA, Rudimar. Empatia e Ética na fenomenologia de Edith Stein. **Ágora Filosófica**, Pernambuco, 2015, v. 1, n. 2, p. 34-46, jan. 2015.

Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/714>. Acesso em: 10 out. 2025.

JOÃO PAULO II. **Homilia na cerimônia de canonização de Edith Stein**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html)>. Acesso em: 20 abr. 2025.

KLEIMAN, Ângela; CAVALCANTI, Marilda (orgs.). **Linguística aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

KUSANO, Mariana Bar. **A Antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia**. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

MORAES Adílio Moreira de; FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Sobral, CE: INTA, 2017.

MURIBEL, Elisabeth. **Edith Stein (1891-1942): como ouro purificado pelo fogo**. 4. ed. Tradução: Maria do Carmo Wollny. Aparecida: Santuário, 2001.

NOVINSKY, Ilana Waingort. **Edith Stein (1891 - 1942) em busca da verdade em tempos sombrios**. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29062012-123046/pt-br.php>. Acesso em: 31 ago. 2025.

OLIVEIRA, André Luiz de; Antúnez, Andrés Eduardo Aguirre Antúnez. A estrutura da pessoa humana em Edith Stein: indicação para a formulação de uma psicologia fundamentalmente humana. **Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 124-144, nov. 2017. Disponível em: <https://revistapfc.com.br/rpfc/article/view/982>. Acesso em: 15 set. 2025.

PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima. **A arte de educar por uma pedagogia empática em Edith Stein**. Curitiba: Prismas, 2018.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990. v. 1.

ROCHA, Magna Celi Mendes da. **O sentido de formação em Edith Stein: fundamento teórico para uma educação integral**. 2014. 155 f. Tese (Doutorado em educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16137>. Acesso em: 15 set. 2025.

ROSA, Gabriel Mauro da Silva. A pessoa humana no pensamento de Edith Stein. **Crátilo**, Patos de Minas: Centro Universitário de Patos de Minas, v. 8, n. 2, p. 90-101, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/article/view/3916>. Acesso em: 3 mar. 2025.

SANTOS, Iveraldo. O tomismo fenomenológico de Edith Stein. **Notandum**, São Paulo: CEMOrOC-Feusp/IJI–Universidade do Porto, n. 30, p. 123-136, set.–dez. 2012. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand30/101-107Iveraldo.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**: um percurso de conhecimento do núcleo interior. São Paulo: Paulus, 2014.

SOUZA, Maria Celeste de. Reflexões sobre o ser pessoal em Edith Stein. **Revista Filosófica São Boa Ventura**. Curitiba – PR, v. 15, n. 2, p. 73-94, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/134/109>. Acesso em: 15 set. 2025.

STEIN, Edith. **Il problema dell'Empatia**. Tradução de: Elio Costatini e de Erika Schulze Costantini. Roma: Edizioni Studium, 2003.

\_\_\_\_\_. **Obras completas, II**: escritos filosóficos etapa fenomenológica. Bajo la dirección de Julen Urzika y Francisco Javier Sancho. Traduzido do alemão por Constantino Ruiz Garrido e José Luiz Caballero Bono. Editora Monte Carmelo, Madrid-Espanha, 2005.

\_\_\_\_\_. **Obras completas, III**: escritos filosóficos etapa de pensamento cristiano. Bajo la dirección de Julen Urzika y Francisco Javier Sancho. Traduzido do alemão por Alberto Pérez, José Mardomingo e Constantino Ruiz Garrido. Editora Monte Carmelo, Madrid-Espanha, 2007.

\_\_\_\_\_. **Obras completas, IV**: escritos antropológicos e pedagógicos. Bajo la dirección de Julen Urzika y Francisco Javier Sancho. Tradução de: Francisco Javier Sancho, José Mardomingo, Constantino Rui Garrido, Carlos Diaz, Alberto Pérez e Gerlinde Follich de Aginaga. Editora Monte Carmelo, Madrid-Espanha, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos** (1933-1943). Tradução de Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Obras de Edith Stein, v. 1). Publicado originalmente em 2002.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica**. 12. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2014, v. 1.

VIEGAS, Waldyr. **Fundamentos lógicos da metodologia científica**. 3. ed. rev. Brasília, DF: UNB, 2007.

WILDERINK, Vital J. G. **Mística e místicos**. Belo Horizonte: Divina Misericórdia, 2004.